

A GÊNESE DE UMA CRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS

Hélio de Seixas Guimarães

No dia 10 de junho de 1895, a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro trazia na sua primeira página a reprodução de uma reportagem intitulada “Monstruosidade”, publicada dias antes na *Gazeta da Tarde* de Porto Alegre. A reportagem começava com as seguintes considerações: “Não encontramos palavras para relatar o fato horrível, desumano, bárbaro, que acaba de dar-se nesta cidade. O vocabulário é pálido. As suas expressões ficam aquém dos sentimentos que despertará a narração da monstruosidade que deu-se, e que faz duvidar da natureza humana, pois excede a tudo quanto a imaginação concebe”.

Tratava-se da notícia de uma criança de dois anos, maltratada pelos pais durante meses, até que seu corpo se tornasse, nas palavras do jornalista, “uma só chaga purulenta”. Foi quando o pai, Antonio José Gonçalves Guimarães, carteiro, resolveu atirá-la “num caixão de sabão às galinhas, na estrebaria, onde acabou seus sofrimentos, sob as picadas das galinhas. Três dias e três noites sofreu a infeliz, antes de morrer!”.

Em meio ao relato desse “poema do sofrimento”, o jornalista chama o pai, Guimarães, de “fera”, e a mãe, Cristina, de “cruel”; opina que “nem o fogo seria castigo suficiente para este bárbaro”; e a certa altura abre o coração diante dos seus leitores: “custa a um jornalista, diante das emoções profundas que o abalam, ser o calmo narrador de fatos diante dos quais a revolta de seus sentimentos é violenta”. Por fim, entre a admiração e o autoelogio, exclama: “Como é possível ter ainda o raciocínio frio para formar períodos e expor os fatos”. A despeito de todas as dificuldades, o repórter descreve com requinte de detalhes o martírio da criança, o sepultamento e a exumação do cadáver, deixando transparecer aqui e ali certo deleite sádico no apuro das descrições.

Seis dias depois, em 16 de junho, na mesma *Gazeta de Notícias*, Machado de Assis retomava a notícia:

Guimarães chama-se ele; ela Cristina. Tinham um filho, a quem puseram o nome de Abílio. Cansados de lhe dar maus tratos, pegaram do filho, meteram-no dentro de um caixão e foram pô-lo em uma estrebaria, onde o pequeno passou três dias, sem comer nem

beber, coberto de chagas, recebendo bicadas de galinhas, até que veio a falecer. Contava dois anos de idade. Sucedeu este caso em Porto Alegre, segundo as últimas folhas, que acrescentam terem sido os pais recolhidos à cadeia, e aberto o inquérito.

O leitor familiarizado com os escritos de Machado de Assis terá reconhecido aí o início de uma das suas crônicas mais famosas, considerada por Augusto Meyer como uma de suas páginas essenciais. Embora o cronista afirme ter baseado sua crônica numa notícia de jornal, até onde sei essa notícia não havia sido localizada. Só recentemente tive acesso a ela graças à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde boa parte dos periódicos brasileiros do século XIX está disponível *on-line*, gratuitamente.

O cotejo entre o que Machado escreveu e a reportagem de onde partiu esclarece muito sobre certa visão de mundo de Machado de Assis e também muito da técnica de composição machadiana.

Em primeiro lugar, vemos que os fatos da crônica são rigorosamente baseados na notícia de jornal, preservados em todos os detalhes, até mesmo naquilo que parecia intencionalmente irônico – os nomes das personagens, os três dias de sofrimento numa estrebaria, que lembram as circunstâncias do nascimento e do martírio de outro infante sofredor, o suplício a bicadas de galinha, que fazem de Abílio uma espécie de Prometeu rebaixado. Em vez da águia sobranceira, as rasteiras galinhas...

Entretanto, a diferença mais notável é o desaparecimento do tom sentimental e da indignação que atravessam a reportagem de ponta a ponta. Eis em ação uma das técnicas machadianas: esvaziar tudo de qualquer traço sentimental, deixando o leitor diante dos fatos nus e crus. Sem qualquer consolo sentimental, o cronista põe-se a buscar explicações para o ocorrido:

Se não fosse Schopenhauer, é provável que eu não tratasse deste caso diminuto, simples notícia de gazetilha. Mas há na principal das obras daquele filósofo um capítulo destinado a explicar as causas transcendentais do amor. Ele, que não era modesto, afirma que esse estudo é uma pérola. A explicação é que dois namorados não se escolhem um ao outro pelas causas individuais que presumem, mas porque um ser, que só pode vir deles, os incita e conjuga. Apliquemos esta teoria ao caso Abílio.

O narrador passa então à verificação irônica da teoria de Schopenhauer, desenvolvida em *A metafísica do amor*, segundo a qual o homem é movido por uma vontade cega, a conservação da espécie, de modo que na atração sexual o indivíduo, que pensa escolher

seu parceiro, não passa de instrumento da espécie. Reduzida a proposição ao absurdo, o culpado pelo sofrimento de Abílio é o próprio Abílio, que no final das contas teria impellido os pais a se aproximarem de modo a dar continuidade à espécie.

Não só as ideias de Schopenhauer são reduzidas ao absurdo – o próprio filósofo, comparecendo em pessoa na crônica, acaba ridicularizado ao tentar convencer a criança supliciada, no seu leito de morte, de que ela é a principal, se não a única, responsável pelo seu próprio martírio: “Anda, Abílio, a verdade é verdade ainda à hora da morte”.

De cambalhada, Hegel é desqualificado como “peste”; a mitologia grega e o cristianismo, que por meio de Prometeu e Cristo procuram dar sentido ao sofrimento humano, não servem para explicar o sofrimento do pequeno Abílio, cuja morte não tem qualquer finalidade nem salva ninguém; e mesmo a prestigiosa teoria darwiniana é referida ironicamente:

A dor do pequeno foi naturalmente grandíssima, não só pela tenra idade, como porque bicada de galinha dói muito, mormente em cima de chaga aberta. Tudo isto, com fome e sede, fê-lo passar “um mau quarto de hora”, como dizem os franceses, mas um quarto de hora de três dias; donde se pode inferir que o organismo do menino Abílio era apropriado aos tormentos. Se chegasse a homem, dava um lutador resistente; mas a prova de que não iria até lá, é que morreu.

Assim, a notícia pinçada de um jornal obscuro é examinada em suas mais diversas implicações, ganhando tamanha relevância, importância e alcance que nem a mitologia, nem a religião, nem a filosofia parecem capazes de dar conta do fato ocorrido com aquela família de pobres-diabos de um lugar remoto no sul da América do Sul.

O que estava fadado a ser consumido como notícia, esvaziado de sentido e exaurido em seus efeitos ao simples virar de uma página de jornal ou da folha do calendário, ganha uma relevância e uma permanência imprevistas, já que, ao final da leitura da crônica, o leitor mais interessado estará com a cabeça repleta de perguntas, algumas delas, ou quase todas, talvez irrespondíveis: O que teria levado pai e mãe a abandonarem o filho assim? Embora não existam respostas definitivas ou explicações convincentes, abre-se o leque para as interpretações. O texto fez seu efeito: começa o trabalho do leitor.

Estamos aqui no cerne da célebre ironia machadiana, que se faz presente de muitas maneiras: no descompasso entre o que se diz e o que se quer dizer, entre a expressão e a intenção; na desproporção entre as ideias, que oscilam muito de registro, juntando numa mesma frase a filosofia de Schopenhauer e as bicadas de galinha; na inversão

de expectativas, que se dá tanto no nível da frase como no nível do andamento e dos desdobramentos da história.

No espaço do jornal, a crônica tem poder dissolvente, na medida em que expõe a subjetividade do relato jornalístico, que deveria ser sóbrio e marcado pela possibilidade de olhar os fatos pelo número mais variado de ângulos possíveis, o que a reportagem, como vimos, está longe de fazer. Machado já ali expunha, dentro do jornal, os limites problemáticos entre objetividade e subjetividade, documento e ficção, mito e história, fronteiras constantemente minadas pela sua escrita.

Agradeço a Daniéle Xavier Calil e a Carla Rosa, do Arquivo Municipal Histórico de Santa Maria (RS), a gentileza do envio das cópias da *Gazeta da Tarde*.

Notícia publicada na *Gazeta de Notícias* em 10 de junho de 1895, p. 1:

“Sob o título *Monstruosidade*, encontramos o seguinte na *Gazeta da Tarde*, de Porto-Alegre:

‘Não encontramos palavras para relatar o fato horrível, desumano, bárbaro, que acaba de dar-se nesta cidade. O vocabulário é pálido.

As suas expressões ficam aquém dos sentimentos que despertará a narração da monstruosidade que deu-se, e que faz duvidar da natureza humana, pois excede a tudo quanto a imaginação concebe.

Antonio José Gonçalves Guimarães, assim chama-se a fera com face humana, é carteiro do correio e casado em segundas núpcias, com D. Christina Fernandes Guimarães. No dia 19 do corrente faleceu um seu filho de 2 anos de idade, de nome Abílio.

O óbito não foi atestado por ninguém, e sem mais formalidades deu-se-lhe sepultura. Uma denúncia posterior veio revelar o crime monstruoso, que vitimou lentamente a pobre criança.

Nem o fogo seria castigo suficiente para este bárbaro.

Abílio foi criado por uma tia: há sete meses o pai foi buscá-lo e sete meses duraram os seus martírios.

Esfaimado, dormindo no chão, diariamente espancado, deperecia a pobre criança: seu pequenino corpo tornou-se uma só chaga purulenta.

Por fim começou a agonia do infeliz, e nesse estado seu pai atirou-o num caixão de sabão às galinhas, na estrebaria, onde acabou seus sofrimentos, sob as picadas das galinhas.

Três dias e três noites sofreu a infeliz, antes de morrer!

Custa a um jornalista, diante das emoções profundas que o abalam, ser o calmo narrador de fatos diante dos quais a revolta de seus sentimentos é violenta.

Ah! se todos os leitores tivessem como nós assistido ao interrogatório da mãe cruel, que consentiu e ajudou a matar o filho, martirizando-o durante sete meses, dia por dia, com certeza admirariam como é possível ter ainda o raciocínio frio para formar períodos e expor os fatos, como vamos fazer.

Custa muito, muito.

O pequenino cadáver foi retirado do seu túmulo, a 24, pela manhã. Estava decentemente vestido por fora. Por dentro cobria-o um pano com sinais de sangue.

Despido, o quadro que ofereceu era horrível.

Tinha o corpo que era o eloquente atestado de quantas torturas ente humano pode ter sofrido. Braços, pernas, peito, cabeça, tudo feridas de origem traumática.

Aquela criança era a encarnação do poema do sofrimento, o exemplo mais terrível de crueldade que se podia exigir.

Os médicos Drs. Leão e Damasceno procederam então à autópsia e reconheceram que a infeliz sucumbira a maus tratos.”

Hélio de Seixas Guimarães é Professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.